

O tempo no telejornalismo: uma breve discussão¹

Elane GOMES da Silva Oliveira²
Alfredo Eurico VIZEU Pereira Júnior³
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo levantar questões sobre a centralidade do tempo nas rotinas produtivas do telejornalismo. A preocupação é identificar pistas da sua influência no processo de produção da notícia. Utilizamos o conceito de "temporalidades" e defendemos que elas funcionam no telejornalismo como modelos estruturais de organização do trabalho desempenhado pelos jornalistas. O profissional é ativo no processo de consolidação das rotinas e atua como mediador entre a pressão do tempo - visualizado no *deadline*, o formato do telejornal e a validação da informação. Esta temporalidade, por sua vez, atua como fonte de orientação, modelo e controle, assegurando gestos, condutas, opiniões e discursos dos profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Tempo; Telejornalismo; Temporalidades; Rotinas da Redação

SOBRE O TEMPO NO JORNALISMO E TELEJORNALISMO

Os estudos sobre jornalismo muitas vezes são conduzidos de fora, as lentes de aumento e de análise são fornecidas pelas ciências sociais e poucas vezes pelo jornalismo mesmo, isso faz com que não enxerguemos particularidades do processo que servem para azeitar a engrenagem e que contribuem para a perenidade do próprio jornalismo. Nesse contexto, o tempo e suas temporalidades aparecem como particularidade, embora compreendam grande parte do fazer jornalismo.

Meditich e Sponholz (2011) alertam que o jornalismo ainda é centrado na atualidade e a medida que abre o campo de discussão, também o prende. O que mostra a grandeza e a força do jornalismo, de seus estudos e a necessidade de expandir suas

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM/UFPE). Integrante da Rede Telejor. E-mail: elanegomessilva@gmail.com

³ Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: a.vizeu@yahoo.com.br

discussões e alcançar outros pontos, os quais ainda não eram debatidos em profundidade.

Franciscato (2005, p. 15) é defensor da visão de uma experiência social do tempo que é afetada “diretamente pela estrutura e atuação dos meios de comunicação, em particular a instituição jornalística”. O autor ainda reitera que o “(...) jornalismo é uma prática social voltada para a produção de relatos sobre eventos do tempo presente”. Concordamos com a ideia de que o jornalismo legisla a favor da construção de uma temporalidade social, que produz formas específicas de sociabilidade. Este tempo presente é essencial para o jornalismo e a maneira como ele é trabalhado varia no entendimento, mas será sempre uma qualidade particular do jornalismo.

Fontcuberta (2010) observa que o jornalismo encontra refúgio e razão em dois conceitos: acontecimento e atualidade. Um não existe sem o outro. “A essência do acontecimento jornalístico é a atualidade”. (FONTCUBERTA, 2010, p. 18). Em todo o processo jornalístico, a escala de valores dos elementos que convertem um acontecimento em produto sofreu profundas transformações e ainda remete a uma discussão com diversos posicionamentos. No modelo tradicional, acontecimento não existe sem atualidade. Ambos são necessários, importantes e dão vigor ao jornalismo.

A organização dos fatos não depende unicamente do deles, mas também do modo de trabalho dos veículos de comunicação e de como querem atingir especificamente o seu público. As rotinas dos meios de comunicação também são guiadas por isto. Dentro do tempo, os fatos não possuem a mesma duração e potência. Sodré (2012) é guiado por uma concepção que enxerga a atualidade como um fenômeno digno da modernidade e que de certa forma une o passado e o presente, por meio do que o autor chama de “microaspectos singularizados do fato”- que nada mais é que a notícia, em sua forma bruta.

Ao lado do sentido de atualidade, o jornalismo teria também o de interesse público. Sobre isso, nos assentamos na concepção de Habermas (1984) de "esfera pública". Ela pode ser definida enquanto uma zona pública na qual são discutidas opiniões diversas, na qual utilizando a racionalidade e a razoabilidade, uma visão pública é construída. Quem pode ser considerado o sujeito-protagonista dessa esfera? O público. Este é considerado o portador da opinião geral e, o qual depende meramente da

publicidade do fato para construção dos seus argumentos. É por conta da necessidade desta publicidade que a imprensa é importante. A transmissão da informação, enquadrada-se como um direito, é legitimador do movimento que alia o jornalismo ao interesse público.

Dahlgren (1991), um dos críticos da visão *habermasiana* da esfera pública, diz que apesar do jornalismo ser apresentado e defendido como uma base de ajuda ao cidadão para que ele aprenda e descubra mais sobre o mundo, ele não é só isso. Principalmente na contemporaneidade, em que a tecnologia e as mudanças estruturais da sociedade colocam em cheque o jornalismo profissional e seu valor. Para o autor, o jornalismo deve ser considerado a partir de uma série de transformações históricas e culturais ao longo das décadas, trazendo à tona potencialidades que vão além da construção de uma opinião pública. A potência do jornalismo não resume-se às tentativas de ajudar o público a entender o mundo que o cerca, mas por representar todo o contexto para viver nele - servindo de referência para a movimentação em tempos de profundas crises sociais e políticas.

Para Gomis (1991, p. 36), o jornalismo serve como um mediador de interpretação. Interpretar a realidade social para que as pessoas possam entender, adaptar-se e modificar-se. E isso, pode acontecer de dois modos: 1) descritivo e 2) valorativo. No primeiro, o produto que é a informação, o jornalismo tem a função de descrever o que se passou. Já no segundo, é permitido situar-se perante um fato dentro do contexto social e analisar o significado do que se sucede.

Compreendendo que o jornalismo é um método de interpretação da realidade social, não se preocupando, portanto, com o que acontece na intimidade das consciências, nem nas profundidades do inconsciente, Gomis (1991) considera que a realidade pode fragmentar-se em períodos, sendo que o único período interpretado pelo jornalismo é o atual.

Abraçamos as mudanças dentro do processo jornalístico, como 'viradas' de tempo dentro do seu próprio desenvolvimento. A noção de atualidade como um todo, a instantaneidade, a novidade e a periodicidade, juntos formam um modelo de concentração das temporalidades que formatam o jornalismo em sua totalidade. Mais que simples noções marcadoras de tempo dentro do fazer jornalístico, elas expressam

também a formatação do jornalismo ao decorrer das épocas. Em um período mais moderno, que é o que vivemos atualmente, a agilidade e a necessidade de noticiar com rapidez transforma o mundo do jornalismo não só do ponto de vista da notícia, mas também do profissional. O modelo de trabalho está mais aguçado ao digital e as formas de representação do jornalismo seguem um ritmo veloz de atualização e de acompanhamento da sociedade atual. O interesse social do jornalismo se dá na concretude da atualidade, que muitas vezes vem ancorada na novidade. “A consciência da atualidade ata-se a um estado objetivo de coisas, 'a proximidade do presente’”. (GROTH,2011, p.231)

Franciscato (2014), analisa a complexidade do jornalismo a partir das características decorridas nas formas sócio-históricas de sua constituição. Ele afirma que o produto jornalístico é plural e não uma síntese e que deve existir uma compreensão sobre a relação oscilante do trabalho individual/coletivo do profissional jornalista. O individual ocorre no momento cravado pela subjetividade do profissional. O coletivo acontece quando os diferentes perfis da equipe compartilham normas, valores e decisões por meio das hierarquias, fazendo uma alternância que se dá ora pela concentração e ora pela descentralização nas decisões. Isso afeta diretamente nos modos produtivos e nos valores empregados ao produto e suas formas de produção.

Quando tratamos também sobre as rotinas de produção, destacamos o protagonismo do jornalista à frente das questões de formatação do jornalismo e de seus produtos, como o jornal de TV. Porém, estes jornalistas estão inseridos em modelos profissionais - normas e regras - que modelam sua performance. Entramos na seara da profissão. Soloski (2016) alerta para a relação conflituosa dos jornalistas com as organizações.

As organizações jornalísticas tem desenvolvido regras - políticas editoriais. As organizações jornalísticas confiam na interação do profissionalismo e das políticas editoriais para controlar o comportamento dos jornalistas. (...) Estas organizações jornalísticas precisam desenvolver técnicas para controlar o comportamento dos seus profissionais. (...) E, o método mais eficiente para controlar o comportamento em organizações não burocráticas, como as organizações jornalísticas, é através do profissionalismo. O profissionalismo “faz uso da *discrição previsível*”. Alivia as organizações burocráticas da responsabilidade de imaginar os seus próprios mecanismos de controle nas áreas discricionárias de trabalho. [Grifo do autor]. (SOLOSKI, 2016, p. 133-135)

Esse profissionalismo descrito por Soloski (2016) apresenta-se como um aceno a métodos mais rigorosos e a presença de dias mais extenuantes dentro da rotina da redação jornalística. Explicando em miúdos, dentro da redação os jornalistas além de serem submetidos a um processo que é guiado por valores e códigos da profissão, são desafiados a trabalharem com mais rigor dentro do tempo determinado para. Ao formatar o produto jornalístico, um telejornal, por exemplo, os jornalistas precisam ser demasiadamente profissionais para dar conta de todos os aspectos que envolvem sua função: 1) avaliar corretamente o material noticioso captado; 2) validar em um formato acessível ao grande público; 3) realizar as tarefas incumbidas a ele da melhor forma possível, ou seja, com organização temporal, safando-se das pressões que aparecem a cada decisão; 4) entregar um bom resultado.

Schlesinger (1987) e (2016), para nós funciona como o elo entre o nosso entendimento de tempo e a apropriação nos estudos do telejornalismo e o desempenho dos jornalistas. O autor contribui com a visão do tempo e seus impactos dentro do modelo de produção da notícia, resvalando nos movimentos laborais do jornalismo. O trabalho do Schlesinger (2016) nos instiga a mostrar como o tempo aparece soberano frente ao formato jornalístico e está presente em todos os momentos, desde o período de produção até a execução final. Denominamos este tempo como temporalidades. Assumimos que a presença delas no telejornalismo é matriz orientadora do modo de agir.

São as temporalidades que ordenam as situações, funcionam como valor notícia e até como critério, determinando as decisões da equipe, coordenada principalmente pelo que denominamos de ‘tempo-relógio’ (marcado pelo instrumento) que aponta para a pressão simbólica exercida pelo *deadline*. Esse marcador - *deadline* - deve ser executado dentro do que Soloski (2016) denomina de ‘profissionalismo jornalístico’, isto é, quando o comportamento dos jornalistas é balizado por dois modos que são relacionados: 1) estabelece padrões e normas de comportamentos; 2) determina o sistema de recompensa profissional. Esses dois pontos sustentam as rotinas da redação e o modelo de atuação dos profissionais, principalmente os de televisão, que precisam cumprir o determinado pelos padrões até a vivência do *deadline*. É quando se concretiza

o trabalho que o jornalista consegue perceber sua importância e suas habilidades. O *deadline* estimula o profissional a cumprir a rotina da redação dentro do tempo determinado para execução da. Ou seja, o *deadline* é a razão e o motivo de compreensão da temporalidade dentro do jornalismo, por parte dos profissionais e a entrega do tempo presente, da atualidade representada para o público.

O QUE É A PRESENÇA DO TEMPO NO TELEJORNALISMO ?

Orientados por Vizeu e Correia (2008), compreendemos que o telejornal representa um lugar de referência para as pessoas muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo. Para os autores, marcações pontuais dentro do jornalismo orientam as pessoas a como procederem em seu dia a dia e em momentos difíceis - como guerras ou crises financeiras e políticas, por exemplo. O que ocorre é que as pessoas utilizam da informação fornecida pelos veículos de comunicação para subsidiar as tomadas de decisões. As histórias contadas no telejornal partem de um resumo de acontecimentos diários que representam um guia para o público. Ao longo dele, encontramos desde notícias que são retratadas em notas, reportagens, entradas ao vivo, entrevistas e uma série de formatos que usam recursos audiovisuais. Esses formatos são escolhidos seguindo requisitos estéticos, além de critérios que potencializam o fato para o telejornalismo.

O movimento dentro das rotinas da redação do telejornal justifica a forma como o mundo se comporta e como ele é relatado para a audiência. Fortalecendo a ideia de janela do mundo até para os mais desatentos. Recentemente durante a crise sanitária mundial provocada pela contaminação do coronavírus, a audiência dos telejornais no Brasil superou todos os recordes desde o fortalecimento da internet. De acordo com dados do Ibope⁴, o número de televisores ligados aumentou por causa da concentração das pessoas em casa e devido aos alertas contra a expansão da doença. Os dados da pesquisa também mostraram que os telejornais tornaram-se durante o período de quarentena, im-

⁴ Reportagem da Folha de São Paulo: “ Audiência de telejornalismo explode durante crise do novo coronavírus - Com grande número de fake news nas redes sociais, pessoas buscam informação qualificada no jornalismo profissional”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/03/audiencia-de-telejornalismo-explode-durante-crise-do-novo-coronavirus.shtml>. Acesso em: 23 de março de 2020.

posto pelas autoridades sanitárias, campeões de audiência no quesito de informação, superando a internet. Confirmando a televisão e sobretudo o telejornalismo, como lugares de referência para a sociedade, trazendo orientação e, de certa forma, conforto para o público. (VIZEU, 2008)

Voltamos ao *deadline*. É sabido que este marcador da rotina na redação modela as decisões e movimenta o cenário noticioso. Vizeu (2006) denomina o momento como ‘linha da morte’ - sendo fiel à tradução da palavra do inglês. É o toque do fechamento que dita as regras e promove a adoção de certos comportamentos dos profissionais na condução da rotina da redação. Dentro dessa “ditadura do tempo”, Vizeu (2006) reflete:

Sob o controle do relógio e obcecados pelo novo, pelo imediatismo, pela pressão da hora do “fechamento”, os jornalistas e as empresas jornalísticas muitas vezes se esquecem de que o **como** e o **porquê** numa matéria são importantes para que o telespectador do outro lado da “telinha”, possa compreender melhor o mundo que o cerca. (VIZEU, 2006, p. 24)

É importante ser dito que a TV, através de suas rotinas, lógicas e estratégias de produção expressa as temporalidades que vivemos e como vivemos. Os procedimentos e comportamentos dos jornalistas só auxiliam na compreensão e identificação desse tempo presente. Mas, como se explica essa rotina? Qual é esse cenário (que serve de espaço físico) ocupado por esses jornalistas? Vizeu (2006, p. 59) nos faz refletir que “(...) Não se pode pensar em identidade profissional levando em conta apenas trajetórias e projetos conscientes e lineares. A vivência profissional é uma fonte de convivência e contato com essa complexidade”. Acreditamos que, do ponto de vista estrutural, se faz necessário um roteiro explicativo sobre as rotinas televisivas e como elas se formam em volta do conceito de tempo. E tanto Vizeu (2006) quanto Sekeff (2005) nos ajudam nisso.

O ritmo da redação de um telejornal é mais intenso. Acreditamos que uma das explicações para isso é que o noticiário televisivo está associado ao fato da televisão estar organizada e apresentada no tempo, enquanto a edição do jornal está apenas organizada no espaço. Ou seja, o jornal pode apresentar um maior número de notícias que são oferecidas ao leitor como uma espécie de menu. (...) Já com o telejornal acontece o oposto: como é organizado no tempo, não pode tão facilmente apresentar as notícias *à la carte*. As informações são selecionadas e organizadas de modo a serem vistas integralmente pelo espectador, sem diminuir o tamanho ou interesse da audiência à medida que o programa prossegue. (VIZEU, 2006, p. 61)

Tempo e espaço permanecem como elementos básicos no processo produtivo do telejornal. A mobilidade do tempo/espaço (produção e produto), considerada peça-chave, é validada pelas rotinas produtivas. Como decorrência, as suas marcas também podem ser de resistência ou conflito. Ficam registradas pelo tempo nos espaços constituídos. Eis o telejornal. (SEKEFF, 2005, p. 34)

Não é descabido comparar a rotina da redação de TV como algo mecanizado e industrial. Por vezes, os profissionais não refletem sobre o modelo e nem o andamento das rotinas da redação. Repetem sem refletir e adotam fórmulas que asseguram que é a melhor forma de preencher o tempo e assim transferir a sensação de atualidade e novidade para o público. Fontcuberta (2010, p. 09) diz que “as rotinas profissionais inerentes ao processo de produção da notícia são claras, relativamente mecanizadas, eventualmente repetidas sem reflexão”. A repetição também traz conforto. Esse processo dito mecânico, tende a promover uma rotina sem erros, minimiza o ambiente estressante e alivia as emoções frente à linha da morte - *deadline*. Diariamente boletins noticiosos e telejornais são confeccionadas em larga escala e em um ritmo beirando o alucinante. Cada peça é talhada para que se encaixe em seus devidos compartimentos de tempo, pré-determinados pelo editor (que assume certa liderança na organização jornalística). Os fatos devem ser trabalhados dentro do ciclo do dia, o que impõe limites temporais à organização da redação, sobretudo, a natureza das notícias. (SCHLESINGER, 2016).

Para ilustrar essa rotina da redação, que em certos momentos apresenta-se como extenuante, trazemos aqui um detalhamento realizado por Vizeu (2014), a partir das entrevistas e observação que fez no jornal RJTV1, da Rede Globo, como parte da pesquisa que resultou na dissertação defendida pelo pesquisador, quando da conclusão de seu mestrado, em 1997, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Diz Vizeu: “(...) quando o jornalista tem de pensar no tipo de notícias que é importante, serve-se mais de sua opinião sobre as coisas do que de dados específicos” (2014, p. 107). O pesquisador referiu-se, especificamente, aqui, ao processo de edição do telejornal, ainda que entendamos ser essa uma reflexão pertinente ao processo de produção noticiosa como um todo.

Sendo o processo de produção da notícia estratificado nos diferentes momentos, que envolvem a (1) escolha e discussão da pauta, (2) a saída em campo, com a seleção

dos entrevistados e imagens e ilustrações que vão compor a notícia, e, ainda, mais tarde, (3) o recorte das falas e informações desses entrevistados que entrarão na notícia (e os que ficarão de fora, naturalmente) e, finalmente, (4), o tamanho do espaço e localização que esse material informativo vai se encaixar, dentro do veículo de comunicação (seja de qual suporte ele for), podemos pensar que ali está o conjunto de opiniões e visões sobre os fatos de um grupo de pessoas – os jornalistas envolvidos nesse processo, desde o pauteiro, passando pelo repórter, fotógrafo/cinegrafista, editor e editor-chefe. Todo esse processo tem que ser executado em um curto espaço de tempo. A massa (notícia) para ser manobrada é muito extensa e volumosa, e o marcador de tempo acionado para manobrar essa massa é acelerado. O *deadline* pulsa. A tudo isso soma-se o pouco tempo do grupo para tomadas de decisões acerca das coberturas noticiosas (SOLOSKI, 2016).

O relógio exposto na redação funciona sempre como um símbolo da necessidade de cumprir-se com o planejamento dentro do estimado pelo editor-chefe, que sempre norteia os caminhos e é responsável pelo fechamento do produto final. Durante os preparativos e a exibição do telejornal, o mundo está em movimento, e sempre algo relevante pode ocorrer. Acontecendo, o editor-chefe tem a missão de noticiar o assunto e escolher a forma que isso deve ser feito a ponto de deixar o fato mais interessante e compreensível para a audiência. Ligando os pontos com o que foi relatado por Vizeu (2014) encontramos um conjunto de temporalidades que reunidas dão o tom de como é a construção do telejornal. Há um somatório de tempos para que ao sinal do *deadline* tudo esteja pronto.

Fechine (2008) pondera no espectro do telejornalismo a existência de dois tempos: o real e o atual. Porém, eles somente tem atuação dentro da condição de transmissão direta⁵ no telejornalismo. No primeiro, não há deslocamento de tempo. Está relacionado a transmissão do acontecimento no exato momento em que ele ocorre. Ou seja, quando um repórter é acionado em uma entrada "ao vivo" durante a apresentação do telejornal, para reportar uma entrevista coletiva, a chegada de uma personalidade, o discurso de um chefe de Estado. Já o tempo atual faz referência a situação que já ocorreu, mas opta-se pelo "ao vivo" reportando os acontecimentos no passado ou,

⁵ Adotamos como definição, o que é proposto por Cavenaghi e Emerim (2012) que tratam a 'transmissão direta' como sendo aquela em que a exibição dos acontecimentos é ao vivo, sem cortes, ou seja, simultaneamente à ocorrência do fato.

fazendo previsões de futuro. Como por exemplo, um acidente automobilístico, a reunião entre membros de um governo, decisões de votações políticas. Ora, elas até poderiam ser visualizadas enquanto momento da apresentação do telejornal, mas apresentam-se em toda a potência durante o processo de reportagem, e na concretude do movimento “ao vivo”. Mota e Rublescki (2013) fazem uma ponderação quanto as apresentações do telejornal ao vivo e da preferência de coberturas de reportagens ao vivo. “(...) observa-se que a cobertura ao vivo do local do acontecimento serve como efeito de realidade para o jornalismo”. (MOTA E RUBLESCKI, 2013, p. 05). As autoras ainda reforçam que utilizar o “ao vivo” é também um passo de incerteza dentro das produções do telejornalismo.

Em situações normais de trabalho, a entrada ao vivo é “imprevisível” apenas no aspecto da sua realização no local. Por estar ao vivo, em tempo real, o repórter e a transmissão estão sujeitos a falhas de som, na locução do jornalista, de algum veículo ou alguém não previsto passar ao fundo; enfim, algo não planejado pode ocorrer. (MOTA E RUBLESCKI, 2013, p. 05)

Finger e Scirea (2017, p. 143) trazem um olhar explicativo voltado sobre a presença de temporalidades no telejornalismo, alicerçadas nos dois tipos de tempo - atual e real - categorizados por Fecine (2008). “(...) Destinatadores e destinatários estão inseridos em uma mesma temporalidade, que é tanto a do discurso (da TV) quanto do mundo (dos fatos). A partir da continuidade temporal a transmissão direta é capaz de instaurar um espaço sem qualquer correspondência no mundo natural”. A transmissão direta, é um dos elementos mais expressivos e característicos do jornalismo de TV e possivelmente é um dos mais discutidos no âmbito acadêmico, quando se leva em consideração a marca da experiência televisiva.

Destacar a forte presença do "ao vivo" em telejornais é discussão necessária. Esse modelo de anúncio do fato ganha mais força a cada dia. Porém, como nos lembra Finger e Scirea (2017) o ao vivo não é uma novidade no ambiente da televisão. “(...) Foi ao vivo que a televisão nasceu na década de 1950 e foi também assim que desenvolveu todo o repertório que veio a torna-la a mídia mais importante do país”. (FINGER e SCIREA, 2017, p. 139). Esta marcação de tempo tão presente na televisão já passou por várias fases até assumir o modelo atual, mais voltado para a intensidade do

momento e a recriação do “aqui e agora” trazendo o vigor e a força do instantâneo e da novidade. A grosso modo, o “ao vivo” servia para atualizar o fato ou determinar as notícias ‘quentes’, agora ele é uma ferramenta de competitividade com a internet. É um recurso que serve para dar agilidade, instantaneidade e claro, imediatismo. Isso somado a credibilidade da emissora de TV é a combinação perfeita para fisgar a audiência e se apresentar como a chancela da veracidade da informação, espantando o fantasma das notícias falsas que ronda a internet e as redes sociais.

O “ao vivo” gera um outro sentimento, como afirma Franciscato (2003). O efeito gerado é de aproximação, tanto do tempo de ocorrência quanto do local dos fatos. O telespectador apresenta um sensação testemunhal. Ele além de apreender o relato noticioso, ele assume uma postura de testemunha do fato narrado. Além disso, ocorre a sensação de pertencimento. Ele - o telespectador - pode ser consultado como relator da notícia, mesmo não estando no local dos fatos, mas pertence aquela narrativa - como espectador - e reproduz informações confiáveis. Ele - o telespectador - relata a pessoas próximas a história que ouviu no telejornal e se revela para a sociedade como sendo uma pessoa de credibilidade para passar adiante. A credibilidade não está no fato do indivíduo relatar para outros o que apreendeu no noticiário televisivo, mas no discurso que já foi chancelado pela TV, que traz no bojo sua credibilidade reconhecida por todo o processo produtivo - de rigor e método - na produção jornalística. “(...) A aparência é de que o jornalismo em tempo real coloca-nos em contato direto com o evento, como se estivéssemos superando a mediação do veículo - e superar a mediação seria uma forma de afirmar um discurso com a pretensão de verdade, de eliminar a interpretação e a subjetividade”. (FRANCISCATO, 2003, p. 278)

Dentro das rotinas de televisão, Schlesinger (2016) pontua que há uma valorização do imediatismo. O autor reforça que o imediatismo pode ser visto e entendido como a doença e ao mesmo tempo o antídoto para a prevalência do tempo presente no telejornal.

O imediatismo age como uma medida para a deteriorabilidade. Quanto mais imediatas mais “quentes” são as notícias. São “frias” e “velhas” quando já não podem ser utilizadas durante o dia noticioso em questão. As coisas que acontecem hoje, esta manhã, esta tarde, esta noite, agora, são aquilo que o jornalista da radiodifusão querem conhecer. A “estória” do dia anterior, para eles, pertence ao caixote do

Dentro do cumprimento do dia noticioso, são justamente algumas marcas temporais que nos fazem perceber a força de se prestigiar as temporalidades e de validar o discurso por meio do imediatismo, a exemplo das entradas do repórter "ao vivo" e também, no nosso ponto de vista, nas notícias factuais - do dia. Para o autor, o foco está na construção das temporalidades nas rotinas, na sobreposição dos seus constrangimentos, bem como, a organização processual da redação. As rotinas da redação funcionam como o espaço em que as temporalidades do telejornalismo operam. Mesmo que a notícia apresente em si um componente temporal forte, a compreensão de temporalidade dentro do telejornalismo vai muito além de noticiar o fato. No desenrolar dos códigos e das normas cumpridos pelos jornalistas é que as temporalidades se sobressaem e alcançam notoriedade e, por conta disso que permeiam os discursos dos profissionais sobre a complexidade na execução do fazer jornalístico na TV.

Este contexto nos leva a defender que a presença do tempo no telejornalismo não se resume a um valor próprio da notícia, mesmo que ela seja carregada de atualidade e de outras marcas que a fazem ser importante, como matéria-prima para o jornalismo de TV, sobretudo. O dia noticioso defendido por Schlesinger (2016) é o espaço simbólico para a catalogação das histórias mais importantes e que devem ser analisadas pela equipe de produção jornalística. Reconhecer a atualidade, o interesse público, a novidade, o imediatismo como pontos-chave vivenciados da prática e acolhidos conceitualmente dão robustez para pensarmos para além da notícia. O desenvolvimento das rotinas da redação aponta para ciclos de reprodução noticiosos que precisam começar e terminar no mesmo dia. O *deadline* é a principal marcação de tempo para os profissionais. Não é visualizado pelo público com toda a força que representa dentro da rotina da redação, mas é apresentado a ele - o público - quando o telejornal começa e termina. O telejornal, é uma máquina do tempo, que apresenta ao público fatos que já se sucederam, que ainda estão por vir e que estão ocorrendo. Deixar esse processo claro e fluído é incumbência do jornalista - ser profissional - atuante na linha de frente do telejornal. É este personagem que tem a função de administrar o dia noticioso valorizando a força do imediatismo e da atualidade por formatos disponíveis e acessíveis ao público.

De todo modo, pontuamos algumas frentes que defendemos: 1) o tempo é um valor dentro do telejornalismo; 2) ele assume a roupagem de eixo temático e não pode ser reduzido a uma simples indicação do que deve ou não deve ser notícia; 3) ele é estrutural - do ponto de vista noticioso e organizativo - dentro da percepção das configurações de ordenamento dos processos e do andamento prático para cumprimento do *deadline*. E, para nós, não existe a possibilidade de enquadrar as questões de tempo dentro do telejornalismo em uma lista de valores, que por sua vez integram os critérios de noticiabilidade. Não há a possibilidade de tornarmos estáticos algo subjetivo. Visualizamos o tempo diluído em diversos valores marcadamente noticiosos, e ainda constituinte de critérios que chegam a nortear o jornalista em decisões coletivas e individuais frente a produção e execução do telejornal.

(EM) CONCLUSÃO

Trabalhar as temporalidades do telejornalismo a partir de uma caminhada conceitual e prática, alinhada com o desenrolar histórico do suporte - televisão - nos ajuda a compreender como as rotinas da redação são desenvolvidas, como atua o ser profissional jornalista e quais são, de fato, as temporalidades imbricadas no processo produtivo do telejornal. É preciso validar que entendemos como valores, o propósito mais relacionado à notícia. A força do conteúdo. Já, os critérios aparecem na presença do profissional. É preciso a ação do jornalista para que os critérios entrem em ação - os julgamentos baseados nos códigos e a compreensão da rotina da redação é que formatam os critérios, que podem ser moldados à medida que a notícia televisiva ganhe força e poder de convencimento e sedução, para a conquista de uma audiência qualificada. (VIZEU, 2014).

A temporalidade é um critério que está estabelecido nas práticas jornalísticas de uma redação, mas não há uma reflexão sobre isso. Os jornalistas - sujeitos - desempenham suas atividades guiados por um tempo, que eles não fazem a mínima ideia porque seguem ou como se organizam a partir dele. Nunca pensaram sobre. Apenas entendem que é preciso cumprir o *deadline*. É este o único tempo que conseguem enxergar, porque representa a conclusão de um dia de trabalho. Ao fim do *deadline*, o trabalho continua com planejamentos intermináveis e assim sobra pouco tempo para a vida no particular. Sempre pressionados pelo fantasma do tempo na televisão, os profissionais já

começam logo cedo a preocupar-se com a "linha da morte" e por isso traçam esquemas para lidar com o que do ponto de vista deles é um problema circular. Assim, o planejamento é a melhor arma contra as dificuldades que venham a surgir durante o dia. Então, enquanto sujeitos do processo e representantes dos interesses da empresa de comunicação, os jornalistas são obrigados a elaborar estratégias para deixar o trabalho desenvolvido na rotina da redação o mais ágil possível.

Que implicações emergem desse comportamento? O processo criativo da notícia começa a ser afetado por causa de uma automatização do trabalho nas rotinas da redação. Os profissionais não refletem sobre o trabalho feito, o que gera um “efeito colateral”: a perda do senso criativo do jornalista, que adere somente às estratégias internas, como marcador de segurança, para não passar por apuros no cumprimento do *deadline*. Obcecados pelo relógio, os jornalistas preparam roteiros que os ajudam a diminuir a pressão pela hora do fechamento. E tudo acontece como deve acontecer. Schudson (1986) enfatiza que na corrida pela notícia, o vencedor é determinado pelo relógio. Aquele que age com mais cautela, que tem sempre o “plano B” em mente ou aquele que consegue articular bem sua equipe, para que os outros integrantes e a própria tecnologia trabalhe a seu favor.

Todas essas questões levantadas devem ser permitidas e valorizadas para a discussão dos estudos de jornalismo, que antes de tudo deve ser uma área em que informar possa trazer conhecimento e novas formas de experimentar o mundo e a comunidade em que vivemos. Que este trabalho abra novas discussões sobre o tempo dentro da área do jornalismo.

Referências bibliográficas

DAHLGREN, Peter. Introduction. In: DAHLGREN, Peter. SPARKS, Colin. **Communication and Citizenship: journalism and the public sphere**. London: Routledge, 1991.

FECHINE, Yvana. **Televisão e presença** - uma abordagem semiótica da transmissão direta. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FINGER, Cristiane; SCIREA, Bruna. Notícia em tempo real: As implicações da instantaneidade na credibilidade do telejornalismo. In: **Comunicação, mídias e temporalidades**. MUSSE, Christina Ferraz; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos (Orgs.). Salvador, EDUFBA, 2017.

FONTCUBERTA, Mar de. **A notícia: Pistas para compreender o mundo**. 3ª ed. Alfragide: Casa das Letras, 2010.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo**: bases para sua delimitação teórica. Tese (doutorado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6056/1/Carlos-Eduardo-Franciscato.pdf/>. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

_____. **A fabricação do presente**: Como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais. Editora UFS: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

_____. Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade. In: G. Silva, M. P. Silva & M. L. Fernandes. (Org.) **Critérios de noticiabilidade**: problemas conceituais e aplicações. Florianópolis: Insular, 2014, p. 85-113

GOMIS, L. **Teoría del periodismo**: cómo se forma el presente. México: Paidós, 1991.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamento das ciência dos jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

MEDITSCH; SPONHOLZ. Introdução. GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamento das ciência dos jornais. Tradução Liriam Sponholz. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MOTA, Juliana; RUBLESCKI, Anelise. **Cobertura ao Vivo em Televisão**: o Improviso e o Testemunho em situações de tragédia. In: Anais do V Sipecom - Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação, 2013.

SCHLESINGER, Philip. **Putting 'reality' together**. London e New York: Mathuen, 1987.

_____. Os jornalistas e a sua máquina do tempo. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Florianópolis: Insular, 2016.

SEKEFF, Cristiane. **Telejornal**: do processo ao produto. Teresina: Faculdade Santo Agostinho, 2005.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato** – Notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOLOSKI, J. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.). **Jornalismo**: Questões, teorias e “estórias”. Florianópolis: Insular, 2016.

VIZEU, A. **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. Telejornalismo: das rotinas produtivas à audiência presumida. In: VIZEU, Alfredo Eurico. MOTA, Célia Ladeira. PORCELLO, Flávio A. C. (Orgs.) **Telejornalismo**: a nova praça pública. Florianópolis: Insular, 2006.

_____. **Decidindo o que é notícia**: Os bastidores do telejornalismo. 5ª. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

VIZEU, A.; CORREIA, J. C. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, A. (Org.). **A sociedade do telejornal**. Petrópolis: Vozes, 2008.